

Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional

*Carmen da Matta**



Foto: Augusto Malta

A boêmia em quiosques - Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Resumo – Neste artigo, toma-se o Rio de Janeiro como espaço de referência para a consolidação do sistema literário brasileiro, processo que se inicia com o romantismo e o surgimento do romance na década de 1840. Aborda-se a vida literária que resulta dessa intensa movimentação intelectual que se estende até o início do século XX. Serão observados os impactos das transformações urbanas na cidade, levadas a cabo pelo prefeito Pereira Passos, sobre o comportamento dos literatos.

* Doutoranda em Literatura Comparada da UERJ. E-mail: carmendamatta@hotmail.com.

Palavras-chave: vida literária; sistema literário; Rio de Janeiro; Pereira Passos.

Introdução

De 1880 a 1920, o Brasil viveu um período literário fecundo, de alta movimentação intelectual. A crítica literária contava com os mestres José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Júnior, que, a despeito da voga positivista que contaminava todo o pensamento científico do país, muito contribuíram para se fixarem conceitos importantes, atualmente para lá de absorvidos, com uma abrangência de enfoques que integrava história, sociologia e ciências em geral. Com eles, iniciou-se uma autêntica interdisciplinaridade que se tornou valiosa para as gerações de estudiosos que os sucederam. Essa fase prolonga-se até os primeiros ecos da revolução modernista, nos anos de 1920, mas que a própria crítica literária até hoje tem dificuldade de circunscrever em função de sua complexidade.

Concomitante ao auge e ao ocaso de diversos movimentos – naturalismo, simbolismo-parnasianismo –, várias denominações são dadas a esse momento que vai do final dos oitocentos até início dos novecentos: “pré-Modernismo”, “*art-nouveau*”, “*belle époque*” (estas duas, pelo caráter decorativo que algumas produções apresentavam). Contudo, busca-se ainda uma denominação mais apropriada, pois há uma diversidade de tendências e frentes de atuação, daí a dificuldade de se classificar.

O sistema literário brasileiro também estava consolidado e o Rio de Janeiro era seu palco privilegiado desde o início do século XIX. A Academia Brasileira de Letras havia sido fundada em 1896 por Machado de Assis, escritor mais importante até então.

Mas toda essa riqueza criativa é resultante de um amplo processo de gestação de um cânone literário nacional, por meio do qual a sociedade brasileira pudesse se reconhecer.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Processo esse que se alastra por mais de setenta anos. E o solo geográfico, territorial e social para a construção de uma literatura própria é a cidade do Rio de Janeiro.

Os antecedentes – A missão dos literatos

Com o movimento romântico, que faz com que nossas artes assumam o caráter nacional, a “cor local”, ainda que com distorções que violavam o ponto de vista histórico e antropológico, tais como a mitificação do índio, a “dialética cópia-inovação” que tinha como parâmetro o modelo europeu (Candido, 1997), nossas produções artísticas se diversificam. O romance urbano começa a ter proeminência, cai no gosto do público folhetinesco devorador de histórias de mocinhas, vilões, bailes da corte e registros de comportamento da sociedade em seus lares e na vida mundana da cidade-sede do Império. Apesar da abrangência do gênero, os binômios indivíduo-sociedade, amor-casamento, privado-público, natureza-religião, passado-povo, local-universal, pátria-nação destacam-se no romance, que assume um caráter pedagógico de formação da nacionalidade, agindo nesse aspecto com mais supremacia do que a poesia. Se quer uma ética sólida para a construção de uma moral que propicie o erguimento de uma nação que rume ao progresso. Para dar cabo a esse ideário, a cidade do Rio de Janeiro vai assumir um papel vital na consolidação de uma identidade nacional, porque é nela que os fundadores do romance vão viver e nela é que vão propagar toda uma imaginação favorável ao intuito patriótico.

As letras sempre elegeram um solo real, palpável, jamais conseguiram se desvincular da região geográfica em que são criadas. No século XVII, Gregório de Matos satirizava as autoridades coloniais e clericais, num sentimento mais passadista do que progressista na velha Bahia capital da colônia portuguesa: “*Triste Bahia! Ó quão*

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

dessemelhante/ Estás e estou do nosso antigo estado!/ Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,/ Rica te vi eu já, tu a mi abundante”. (Apud Bosi, 1992, p.94) E a prosa barroca de Padre Vieira, que passa pela Bahia e pelo Maranhão, com seu intuito missionário, não consegue atingir os corações dos curumins de tão conceitual e complexa. Nossos poetas árcades, por sua vez, nas Minas Gerais, apesar do intuito revolucionário dos inconfindentes que marcou essa geração de artistas no século XVIII, trazem as mitologias greco-romanas para cá e acabam evidenciando o descompasso entre literatura e realidade social. Vínculo que não é obrigatório, sabemos, contudo naquele tempo era fundamental pois que, se se queria a independência, era necessário neutralizar a histórica influência portuguesa, e européia em geral, em nossas artes. Somente no romantismo esta inversão ocorre e o Rio de Janeiro é fundamental nesse sentido. A chegada da corte portuguesa em 1808, despejando na cidade jornalistas, artistas e intelectuais, que se imiscuíram aos nossos letrados e à população como um todo, trazendo idéias novas e muita agitação social, foi um dos fatores que contribuíram para o surgimento de produções artísticas com caráter mais localista e mais próximo da realidade nacional – mantendo, entretanto, o modelo europeu como norteador estético.¹

O romantismo foi, então, um dos agentes consolidadores da tríade *autor-obra-público* que, segundo Antonio Candido, é base de configuração de um sistema literário: um conjunto de autores, suas produções e um público receptor.² Antes do século XIX, esses três fatores não atuavam simultaneamente; existiriam *manifestações literárias*, não propriamente um sistema. O romance brasileiro, que se funda no Rio de Janeiro, é essencial para o desenvolvimento de nosso sistema cultural. E foi na cidade do Rio que a geração de poetas românticos – liderada pelo carioca Gonçalves de Magalhães e pelo andarilho

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

maranhense Gonçalves Dias, que se estabelece no Rio de Janeiro por muito tempo e aí cria a maior parte de sua poesia engajada –³ redefiniu o papel da literatura para a construção de um sentimento nativista.

O primeiro romancista brasileiro, Teixeira e Souza, é mestiço, de origem muito humilde, nasce em Cabo Frio, no Estado do Rio, e inaugura o gênero romanesco entre nós com o leve *O filho do pescador*, em 1843. Romance sem força, mas que vai ao encontro da fácil recepção ao gosto dos leitores de folhetim. Nessa esteira, Joaquim Manuel de Macedo vai-se enquadrar muito bem e com superioridade, deleitando o público com narrativas passadas na cidade do Rio repletas de namoricos e casamenteiras, sempre apontando para um final feliz e moralizador.

Entretanto, o primeiro romance a ilustrar nossas contradições sócio-históricas é o de Manuel Antônio de Almeida, o célebre *Memórias de um sargento de milícias*. Manuel, que é carioca e também de origem pobre, lança um olhar de lince sobre as classes populares que viviam no Rio de Janeiro durante a estada da corte portuguesa banida da Europa. Esta ficção vai fornecer as bases de sustentação da tese de Antonio Candido sobre a sociedade brasileira: a “dialética da malandragem” (1970).

Ao analisar a descrição dos hábitos e costumes da população livre, sem amarras da escravidão, aqueles que compõem os setores intermediários, representados em *Memórias*, Candido percebe o movimento de Manuel Antônio de Almeida em indicar uma tendência patente do caráter do brasileiro: o viver no limite entre a ordem e a desordem, o escracho em relação às autoridades monárquicas, a convivência com orientações religiosas distintas (catolicismo, espiritismo, cultos afros), a formação da esfera pública vinculada à política do favor, da indicação, as práticas de nepotismo, entre outras questões seríssimas que ainda

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

vivenciamos neste início do século XXI. O comportamento social dos moradores do Rio de Janeiro no início dos oitocentos penetra no romance, que denuncia traços marcantes para o nosso autoconhecimento. Pela primeira vez, tem-se uma ficção que, embora muito bem-humorada, mostra a nossa cara, nossos desvios, nossas mazelas, na cidade em polvorosa, cheia de comerciantes, descendentes de portugueses, mestiços, mulatos, negros, com a famosa convivência promíscua carioca. Agora, sim, nossa literatura podia começar a se dizer própria.

José de Alencar e Machado de Assis, guardadas as diferenças estilísticas, continuariam essa frente aberta por Manuel Antônio de Almeida. Os romances urbanos alencarianos têm o Rio de Janeiro como palco de conflitos amorosos, com destaque para *Senhora e Lucíola*. Apesar de muito balzaquianos esteticamente, a vida privada da sociedade fluminense começa a ser explorada, tendo como contraponto a vida mundana. Alencar é cearense, mas se torna cronista, jornalista, político de uma verve feriníssima – opositor a D. Pedro II – e escritor consagrado no Rio de Janeiro, e é nesta cidade que elabora a sua vasta e diversificada produção ficcional de caráter urbano, indianista e regionalista.

Machado de Assis, por sua vez, nasce e morre na cidade do Rio, sem nunca ter saído do estado. Seus romances se ambientam no Rio de Janeiro, espaço em que são ficcionalizados o comportamento e a vida dos setores intermediários e das classes mais favorecidas, cercados pela parentela, pelos agregados, pelos bacharéis, párocos etc.. Ficções que propiciaram uma leitura da sociedade no que tange à *política do favor*, outro traço característico do “ser brasileiro”, que mereceu um estudo de fôlego do teórico Roberto Schwarz (1977). O realismo é, desse modo, iniciado por Manuel, institui-se com Machado,

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

radicaliza-se com o carioca Lima Barreto e chega aos anos de 1930 vitorioso, apresentando à cultura brasileira uma geração valiosa de escritores de outras regiões do país (Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Guimarães Rosa).

Os romancistas fluminenses do século XIX, ao lado daqueles que se fixaram na cidade do Rio, mostram ao país como se faz uma literatura autêntica, que represente o nosso solo social, introduzindo definitivamente em nossas letras a dialética texto-contexto, sobre a qual falara Lukács. Ficam evidenciados literariamente os mecanismos em operação na sociedade brasileira, aqueles potencialmente capazes de distingui-la enquanto tal.

É óbvio que o fato de o Rio de Janeiro ser a capital do Império e depois da República tem um peso significativo: confluíam na cidade interesses econômicos e políticos num ambiente cultural amplo e bem movimentado. Porém, o estilo bandeirante e provinciano paulista do século XIX permitiria um reconhecimento identificador da nacionalidade? Os brasileiros moradores do espaço urbano se reconheceriam nos seguidores de Antônio Conselheiro? A tendência separatista sulina poderia unificar a nação?

O Rio de Janeiro foi, assim, um espaço de confluência de culturas variadas, mais aberto à miscigenação; aqui se fixam, em maior número, os agentes de mediação entre pólos sociais opostos – o *mulato* –, aqueles que têm mais trânsito socialmente, possibilitando um certo “equilíbrio de antagonismos” necessário ao estabelecimento de uma cultura e à formação de um povo (Freyre, 1996); é no Rio, enfim, que brota o estilo mais carnalizado, mais propício a reunir elementos díspares, porém muito mais significativos em relação à nacionalidade.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

No final do século XIX e início do XX, o sistema literário e cultural tinha-se ajustado às questões próprias da sociedade, a literatura brasileira era reconhecida e respeitada. As letras já tinham sido instrumento de ação também em defesa da Abolição e da República. Não era nesse momento mais tão necessário engajá-las a um projeto identitário nacionalista (o que será revisto com a revolução artística de 1922). Os literatos no início do século XX inauguram, portanto, uma outra fase, em que o comportamento citadino e a vivência urbana teriam ênfase. É o que comentaremos a seguir.

A vida literária na era do “bota-abaixo”

A República recém-instaurada em 1889 já começava a vivenciar fissuras e revoltas nacionais, como a de Canudos no Nordeste. O regime fechado de Floriano Peixoto na década de 1890 interferiu não somente na contenção dos movimentos revoltosos, mas de forma contundente na vida boêmia, que começava a crepuscular. *Os Sertões*, de 1902, davam um soco na boca do estômago da intelectualidade brasileira com a denúncia dos “dois Brasis”, um paupérrimo do interior e outro próspero do litoral. O carioca Euclides da Cunha, com seu relato híbrido de história, reportagem e literatura, contribuiu decisivamente para o fortalecimento da narrativa realista, golpeando os resquícios românticos e os rigores parnasianos, propiciando um processo de representação mais próximo da realidade social.

O Rio de Janeiro e suas elites, porém, incluindo os literatos e jornalistas, pareciam assumir um modo de vida baseado na “mundanidade”, no qual prevaleciam os estilos parisienses nas modas, nas artes, nas decorações, a fluência do idioma francês, a frequência aos cafés e aos salões sofisticados. Despontava a “boêmia dourada” paralelamente e como resultado da “civilização” do Rio, que pregara Figueiredo Pimentel. (Broca, 1975)

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Houve, contudo, desde a década de 1870, uma primeira geração boêmia bem mais autêntica. Antes, os boêmios eram desregrados, freqüentavam os becos e os botequins da cidade, todavia, esse comportamento radical e extremado não condizia com o estilo sofisticado para o qual a nova cidade do Rio caminhava, sob a engenharia de Pereira Passos: a cidade que se queria era mais urbana, mais chique, mais culta e, sobretudo, mais civilizada.

Essa transformação interfere no comportamento de nossos intelectuais. Muda-se o entendimento da função do literato e do escritor: não se admite mais aquele homem com muito saber, mas que vive à margem, desprovido de bens materiais, fazendo bicos em jornais, produzindo crônicas para sobreviver, escrevendo a cada dia um capítulo para o folhetim. Os tempos são outros, se requer a profissionalização. Lima Barreto, além de sofrer o preconceito de cor e social, é vítima também dessa alteração da movimentação intelectual, que também se desloca dos subúrbios para o centro da cidade. (Machado Neto, 1973)

A inauguração da Avenida Central propicia o surgimento de um centro aristocrático que vai atrair justamente uma nata de intelectuais, a tal “boêmia dourada”. João do Rio emerge como um dos seus nomes principais, ao lado de nomes de peso, tais como Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Luiz Edmundo, só para citar alguns. Que também fizeram parte daquela primeira leva de boêmios, mais solta, mais *flâneur*, contudo, ao perceberem as alterações em curso pelo “processo de civilização”, procuraram logo se adaptar. (Broca, 1975)

O processo na verdade é outro: o de aburguesamento da boêmia, que, do flandar livre e descompromissado, torna-se *dandy*: é o boêmio observador da mundanidade muito

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

requintado no vestir, exótico inclusive, com muita cultura, diferenciando-se bem demarcadamente dos pobres-diabos do povo. Os becos e botequins ficam em segundo plano diante da nova e larga Avenida Central dos cafés sofisticados, dos salões literários que ressurgem ao estilo do Segundo Reinado, do chá das cinco na Confeitaria Colombo, da Livraria Garnier, e recintos similares da Rua do Ouvidor, dos prostíbulos sofisticados, dos clubes noturnos da Rua do Passeio. Este é o mundanismo, associado ao dandismo, que passa a ser registrado pelos cronistas. Dois salões sofisticados e em polvorosa são o da Laurinda Santos Lobo, em Santa Teresa, e o de Coelho Neto. Chegaram a receber em seus encontros figuras do porte de Anatole France e Isadora Duncan, entre outros visitantes estrangeiros ilustres. A revalorização das letras no cenário social vem associada ao mundanismo. (Id.ib.)

Fato é que a fundação da Academia Brasileira de Letras dez anos antes influenciou decisivamente na vida dos escritores. Há de se ter compostura, tato, bom gosto e bom senso. A recusa em assumir essas regras sociais teve como consequência o não ingresso de algumas personalidades, barradas pelo próprio Machado, que não se adequavam ao perfil exigido pelos acadêmicos. Lima Barreto definitivamente não tem entrada nesse ambiente, e nem mesmo o quis, ao que parece. Brito Broca insinua que Lima almejava, sim, ser membro da ABL, mas que teria passado a ridicularizar a instituição por puro ressentimento. O comportamento dos beletristas era incompatível com a vida boêmia desregrada e perambulante.

Para se ter uma idéia de como a vida literária é impactada com as reformas urbanas em andamento na cidade, tendo à frente Pereira Passos, trazemos o comentário de Brito Broca, que abre seu livro com este assunto:

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Oswaldo Cruz inicia a campanha pela extinção da febre amarela e o prefeito Pereira Passos vai tornar-se o Barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas. Com uma diferença: Haussmann remodelou Paris, tendo em vista objetivos político-militares, dando aos bulevares um traçado estratégico, a fim de evitar as barricadas das revoluções liberais de 1830 e 48; enquanto o plano de Pereira Passos se orientava pelos fins exclusivamente progressistas de emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade européia. Foi o período do ‘Bota-abaixo’. (1975, p.3).

Haussmann implementou uma reforma para fins políticos e bélicos, enquanto Pereira Passos transformava a paisagem urbana de maneira radical imbuído de um sentimento de modernização e de uma perspectiva civilizacional; o que, em outras palavras, quer dizer, modernizar para propiciar melhor trânsito e prazeres às elites. Ser civilizado, então, é tomar novamente a Europa como parâmetro, e assim voltamos à mesma problemática vinculada à “dialética cópia-inovação”, sobre a qual comentávamos antes.

Pereira Passos, com seu intuito modernizador, foi um estimulador de espetáculos mundanos. Acabou influenciando decisivamente as relações literárias. Os escritores lotam de mundanismo as colunas da *Gazeta de Notícias* e de *O País*. Entenda-se por “mundanismo” um panorama repleto de acontecimentos sociais, fofocas, intrigas, disse-me-disses, de modas. Consolida-se nessa época o antagonismo entre a “cidade”, formada pelos bairros mais aristocráticos, e os “subúrbios”, com costumes e hábitos mais simples. Brito Broca analisa que nesse período a vida literária teria superado a literatura.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

O Rio de Janeiro continuava abrigando maranhenses (Aluisio Azevedo, Coelho Neto, Arthur de Azevedo, Graça Aranha), baianos (Rui Barbosa, Afrânio Peixoto), cearenses (Capistrano de Abreu, Araripe Júnior), sergipanos (Silvio Romero), paraenses (José Veríssimo), mineiros (Afonso Arinos), sulinos (Alcides Maia) e paulistas (Monteiro Lobato), que participavam ativamente da vida cultural da cidade e, na maior parte dos casos, popularizando-se aqui e daqui disseminando suas idéias.

Os Barretos representativos

Sou homem da cidade, nasci, criei-me, eduquei-me no Rio de Janeiro; e, nele, em que se encontra gente de todo o Brasil, vale a pena fazer um trabalho desses, em que se mostre que a nossa cidade não é só a capital política do país, mas também a espiritual, onde se vêm resumir todas as mágoas, todos os sonhos, todas as dores dos brasileiros, revelado tudo isso na sua arte anônima e popular.

Lima Barreto, *Hoje*, 20/3/1919.

O destaque dado a João do Rio como figura emblemática da *belle époque* é consensual entre os críticos literários. Lembremos, porém, que a poderosa sombra machadiana ainda pairava sobre as artes: Machado lança *Dom Casmurro* em pleno 1900 e traria a público ainda *Esaú e Jacó* (1904) e o último romance, *Memorial de Aires* (1908), fora a sua atuação como cronista; é, por isso mesmo, considerado um *autor-síntese* da Primeira República (Castello, 1999).

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Mas o carioquíssimo de codinome João do Rio, ou João Paulo Alberto Coelho Barreto, torna-se uma figura simbólica pela sua abertura em termos de registros cronistas de um outro lado do Rio, às vezes não tão sofisticado, mas que se descobre avançando pelos subterrâneos das almas que povoam a cidade. Foi o cronista mais atento ao período Pereira Passos e que melhor registrou as transformações urbanas que ocorriam a toque de caixa.

Quem quiser saber como era o Rio na primeira década do século passado deve recorrer às crônicas reunidas em *A alma encantadora das ruas* – que apresentam uma sociedade relativamente bem comportada – se comparadas aos contos de *Dentro da noite* – nos quais encontramos uma faceta muito interessante da sociedade fluminense: o lado insólito e pernóstico encoberto por uma vida elegante e aparentemente normal. O livro *As religiões do Rio*, de 1904, contou com um grande sucesso de público. Em 1910, João do Rio assume uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, com apenas 29 anos. Morre aos 40 anos, em 1921, depois de viver uma “vida vertiginosa”. (Magalhães Júnior, 1978)

João do Rio realiza a junção do *flâneur* ao *dandy*, e é devido justamente a este aspecto que ele se torna inovador. O despojamento, a curiosidade, o desbragamento do *flâneur* unidos à elegância e ao mundanismo social do *dandy* caracterizaram nosso portavoiz da *belle époque*, dando o toque de autenticidade à vida literária.

Contudo, se o queridíssimo e popular João do Rio é um dos que transitam à vontade na cidade que se modernizava à moda Pereira Passos, não é o caso do outro Barreto, o irascível Lima, que se decepiona e se revolta, desferindo críticas contundentes ao isolamento dos subúrbios da tal “vida civilizada” para os mais favorecidos.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

De origem bem menos favorecida que a de João do Rio, Lima Barreto enfrentou inúmeras dificuldades profissionais, além do preconceito de cor, como é sabido, e por ter consciência de sua capacidade literária, muito superior a de João, foi vítima da angústia pela falta de um real reconhecimento em vida do valor de suas produções e das oscilações emocionais pelas quais passava (teve duas internações psiquiátricas), o que prejudicou ainda mais uma maior publicização de suas obras. Lima nasce no mesmo ano de João (1881) e morre um ano depois, em 1922. Não conseguem atravessar os quarenta; tinham uma vida mental altamente produtiva e arguta. Eram vertiginosos.

Ambos os Barretos devem ser levados em conta quando se quer resgatar a história e a sociologia do Rio de Janeiro no início do século. A diferença é que Lima incorpora nos romances a vida suburbana do Méier, de Todos os Santos, dos bairros que se estendem até a atual Zona Oeste pela linha do trem, da Ilha do Governador. E não somente o Rio do Centro, do Cosme Velho e de Botafogo. Ele praticamente não se fazia presente nos salões literários; proseava nos botequins dos subúrbios, pegava trem para ir à repartição na Secretaria de Guerra. “Era um carioca suburbano”, como afirma o mestre Nei Lopes (2002).

A maior parte da produção de Lima Barreto concentra-se na década de 1910, após, então, a reforma urbana de Passos, mas o impacto dessas modificações da cidade vai ser registrado em seus textos. Lança seu primeiro romance em 1909 (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*), mas em 1911 publica em folhetim do *Jornal do Comércio* o célebre *Triste fim de Policarpo Quaresma* e a partir daí deslancha sua criatividade romanesca, gestada nas décadas anteriores quando devorava o melhor do realismo europeu. Apesar dessa leitura

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

atenta da literatura européia, soube fundar entre nós o mais autêntico realismo, incorporando questões típicas da sociedade brasileira e de seu modo citadino de viver.

Em todos seus romances, sobretudo nas crônicas e artigos (reunidos estes em *Feiras e Mafuás*, *Vida Urbana* e *Marginália*), está presente a crítica à cultura ornamental (da cidade, da intelectualidade), a qual ele se opõe mostrando uma outra possibilidade, a de uma autêntica “cultura popular”, que pressione a alta cultura, a dos bacharéis e intelectuais encobertos pelo “intimismo à sombra do poder”⁴ – que resulta do processo de cooptação de letrados e intelectuais às esferas do Estado, tornando-os incapazes de exercerem críticas aos que estão no comando político-institucional da nação. Dinâmica comum em termos de cultura brasileira.

Lima Barreto quando traz os subúrbios para a literatura propõe um outro modelo de urbanidade. Ele perguntava na era do “bota-abaixo” de Passos como era possível transformar a cidade derrubando o que lhe era mais peculiar – os morros (do Castelo e de Santo Antônio). A cidade civilizada só se concretizaria, para ele, com a incorporação dos subúrbios em seu desenvolvimento. Os subúrbios tornam-se, desse modo, o “refúgio dos infelizes”, como afirma o narrador de *Policarpo Quaresma*:

Os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodo (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nestes caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira sobre um rigor londrino.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros, catadores de ervas medicinais, enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequenas e grandes burguesias não podem adivinhar. Às vezes num cubículo desses se amontoava uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta de um níquel do trem.

Lima desaprovava a gestão de Pereira Passos porque ele se incluiu em um rol de políticos que não têm olhar para os pobres, que despreza essa população mestiça, sem uma posição social definida. (Botelho, 2002) A cidade concebida por Passos, para Lima, quer banir a miséria não da sociedade como um todo, mas somente do centro da cidade; ou seja, o intuito do grande reformador urbano seria o de expulsar as populações mais marginalizadas das áreas centrais para destinar estas aos setores mais favorecidos, para que tenham “liberdade de circulação” – a base da civilidade de Passos.

A crítica de Lima Barreto, como se sabe, é mais abrangente ainda: estende-se ao modelo republicano instaurado no Brasil que até então só favorecera as oligarquias. (Figueiredo, 1994) E a cidade do Rio de Janeiro, como capital federal, era palco das atividades políticas, da vida literária e também de gestão de um espaço urbano que vai concretizar a histórica cisão entre ricos e pobres, que marca o desenvolvimento social brasileiro desde a casa-grande e a sua complementação opositiva, a senzala, na fase colonial; os sobrados se sobrepondo aos mocambos, aos cortiços, na fase imperial; e a cidade urbana das elites e a suburbana dos miseráveis, da fase republicana.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Finalmente, tanto João do Rio quanto Lima Barreto, por serem figuras altamente representativas das duas primeiras décadas do século XX, por terem tido uma ampla movimentação na cidade e na vida literária, por atuarem em jornais como cronistas atentos às modificações urbanas e aos aspectos culturais cariocas e fluminenses, devem servir de parâmetro para uma revisita ao Rio de Janeiro de Passos, desde que os propósitos de cada um sejam bem delineados pelo curioso passadista.



Foto: Augusto Malta

A boêmia sofisticada - Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- _____. Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975, [1956].
- BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas/Divisão de Editoração, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993, 2v., [1957].
- _____. Dialética da malandragem. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.8. São Paulo: IEB, 1970, p.67-89.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EdUSP, 1999.
- COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto em nossa literatura. In: _____. *Cultura e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina de Livros, 1991, p.19-48.
- FIGUEIREDO, Carmen Lúcia N. de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tepe Brasileiro, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados & Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- JORNAL DO BRASIL. *Jornal do Século: 1901-1910; 1911-1920; 1921-1930*. Edições comemorativas do centenário do JB.
- LIMA BARRETO, A. H. de. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- LOPES, Nei. Apresentação. In: BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas/Divisão de Editoração, 2002, p.15-18.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
- MACHADO NETO, A.L. Profissão e vocação. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*. São Paulo: USP, 1973, p.77-112.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (1970-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- MORICONI, Ítalo. Vida literária no Brasil, 1975-2000 – Um projeto. In: ROCHA, F.C.D. (Org.). *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p.81-90.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

Abstract – *This article considers Rio de Janeiro a reference space in the consolidation of the Brazilian literary system, which was a process that initiated with the Romanticism and the outcome of the novel in the 1840's and lasted until the beginning of the XXth century. We are going to observe the impacts of urban transformations that occurred in the city – accomplished by mayor Pereira Passos – on the behavior of the men of letters.*

Keywords: *literary life; romance; Brazilian literary system; Rio de Janeiro; Pereira Passos.*

Resumo – *En este ensayo, se estudia la ciudad de Rio de Janeiro como espacio de referencia en el afianzamiento del sistema literario brasileño, proceso que se inicia con el romanticismo y el surgimiento de la novela en la década del 1840. Se plantea la vida literaria que resulta de esa intensa actividad intelectual, que se extiende hasta inicios del siglo XX. Se observarán los impactos de las transformaciones urbanas implementadas por el alcalde Pereira Passos sobre el comportamiento de los literatos.*

Palabras-clave: *vida literaria; novela; sistema literario brasileño; Rio de Janeiro; Pereira Passos.*

¹ Apesar desse grande avanço para a conformação do sistema literário brasileiro, que é a incorporação pelas artes de uma paisagem local e de temas mais afeitos à nossa cultura, os parâmetros formais eram de inspiração européia. Isto, por um lado, evidencia que nossos intelectuais estavam atualizados do ponto de vista mais geral; por outro, demonstra um desajustamento entre o *projeto estético* e o *projeto ideológico*. A junção dessas duas frentes só se solucionaria com mais propriedade no modernismo. Sobre este assunto, consultar: LAFETÁ, João Luiz. Os pressupostos básicos. In: _____. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Ed.34, 2000, p. 19-38.

² Os pontos relacionados à configuração do sistema literário brasileiro preconizados por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* [1957] deram margem a muita polêmica e a discussões que se desdobram até os tempos atuais nas academias. A principal resposta a Candido vem de Haroldo de Campos em *O seqüestro do Barroco na "Formação da Literatura Brasileira"*: o caso Gregório de Matos. Salvador: FCJA, 1989.

O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA

³ Vários nomes integraram o grupo de intelectuais que se reuniram em Paris, em 1836, para lançar a *Revista Niterói*, veículo pioneiro de propagação das propostas dos artistas brasileiros, entre os quais Porto Alegre, Torres Homem e Pereira da Silva. Consultar: Bosi, 1987 e Castello, 1999.

⁴ Sobre esta terminologia, consultar Coutinho (1991).